

cinema



“Eu sinto que todos os comboios vão dar a Auschwitz, Dachau e Treblinka”.

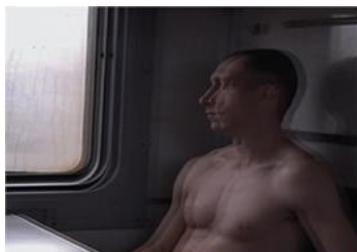
Uma viagem pela memória que funde passado com presente. Esta é a proposta do mais recente filme de **SÉRGIO TRÉFAUX**, um *habitué* do IndieLisboa desde que no seu primeiro ano, em 2004, *Lisboetas* arrebatou o prémio de Melhor Filme Português. Percorrendo os caminhos férreos que ligam hoje Polónia, Rússia e Ucrânia, Tréfaux encontra pistas de um passado que resiste ao slogan do pós-guerra: **“Nunca mais”**. Não, **“Tudo está a acontecer outra vez”**.

Os comboios ainda vão dar a...

Treblinka

SÉRGIO TRÉFAUX

O homem e o vestido da irmã. A mulher que nunca mais andou de comboio



Nunca será demasiado dizer que nunca mais, mesmo se sabemos que existem o Ruanda, o Camboja, os Balcãs, e tantas valas cheias de corpos perdidos

Há um momento em que ele está a dobrar e arrumar roupas e percebe que tem nas mãos o vestido da irmã mais nova. Mostra-o ao homem ao lado e ele comove-se por um instante mas depressa retoma o trabalho. Estão os dois em Treblinka, a tratar do que sobrou das centenas de pessoas que com eles tinham chegado no comboio do dia anterior. Levava Anna pela mão mas foram separados, homens para um lado, mulheres para o outro. Ele era forte e enérgico, recebeu ordens para ficar de lado, longe das filas que seguiram para as câmaras de gás.

Este é um dos poucos momentos em que algo poderia tremer no homem que relata, sistemático, o tempo vivido no campo de extermínio. Ouvimos, na voz de um ator russo, trechos do que o polaco Chil Rajchman escreveu, entrecruzado por frases de Marceline Loidan-Ivens, sobrevivente de Auschwitz-Birkenau e Theresienstadt. As imagens têm sempre comboios, o interior, as paisagens majestosas, as breves paragens em pequenas estações. Lá dentro, rostos e corpos desfocados, o som de fundo de um comboio em movimento.

São noventa e seis minutos a conter a respiração, a sentir um mal-estar que o próprio realizador confessará no final. É Treblinka, o filme de Sérgio Tréfaut, que já chegou às salas de cinema e que vi na sessão de antestreia. Estava anunciado que Sérgio e Maria Flor Pedroso conversariam no palco no fim do filme. Como falar sobre aquilo minutos depois? Como falar agora? Como falar em qualquer momento sem cair no cliché de reconhecer que é indizível?

O filme começou por ser a história de Marceline, cineasta e viúva do realizador holandês Joris Ivens. Sérgio conta que o projeto teve muitas hesitações e recuos, muitas conversas com esta mulher pequenina que foi a maior amiga de Simone Veil - gémeas contraditórias, como ela própria descreve a amizade iniciada no comboio para o campo de concentração. Pelo meio apareceu o livro autobiográfico de Chil Rajchman, publicado em 2011, sete anos após a morte do autor que tinha deixado a Europa pelo Uruguai. Por que é que ele conta? Talvez a pergunta seja outra: por que é que ele sobreviveu se não para poder contar?

Marceline e Chil, duas vidas que não se cruzaram na realidade, mas que Sérgio traz em paralelo para o filme - a melhor obra portuguesa do IndieLisboa. Isabel Ruth dá corpo a Marceline, com a voz de Nina Guerra, e diz que detesta o filme. Mas nós ficamos agarrados à sua imagem, ao seu lento gesto de fumar, à sua expressão fechada, às suas mãos desenhando o desamparo no vidro do comboio. Kiril Kashlikov é o fantasma de Chil, corpo jovem despido de toda a humanidade, contando a história como se escrevesse um relatório, texto descarnado, cru.

Por que continuamos a precisar de conhecer o horror, se já sabemos como foi, quando foi, os números sinistros, os pormenores escabrosos? E para esta pergunta tenho resposta. Porque nunca será demasiado dizer que nunca mais, mesmo se sabemos que existem o Ruanda, o Camboja, e aqui mesmo ao lado os Balcãs, e tantas valas cheias de corpos perdidos. Nunca mais um estado inteiro feito fábrica de morte e de guerra, a contabilizar organizadamente o extermínio.

Simone Veil estranhou, no regresso a Paris - o número 78651 tatuado no braço - que ninguém quisesse falar sobre o que tinha acontecido. Ela queria contar, ao mesmo tempo que desejava que a França e a Alemanha se entendessem na construção pacífica da Europa. Marceline, número 78750, anos depois da libertação, cruzou-se na rua com Simone. Tinham sido separadas na confusão dos campos e, agora que a vida vencera a morte, retomaram a amizade que lhes tinha dado forças em Auschwitz. Sempre que se encontravam a conversa ia parar "àquilo", tão ligadas que o marido de Simone se sentia posto de lado. Contraditórias: uma comunista, a outra de direita.

Marceline nunca mais conseguiu andar de comboio, Chil refugiou-se no Uruguai e escondeu as memórias num volume que os filhos encontraram quando arrumaram a casa. Os noventa e seis minutos de Treblinka são mais uma garantia de que não serão esquecidos, de que sobreviveram por todos nós.

Actualidade de Treblinka

O poderoso e sufocante documentário inspirado no campo de extermínio de Treblinka que Sérgio Tréfaut acaba de nos oferecer, e que entra directamente no lote restrito de produções capazes de nos reconciliarem com a arte do cinema, tem como maior virtude a sua temível actualidade.



«Andriy Parubiy, chefe das SS ucranianas de hoje, um favorito da NATO e da União Europeia, presidente do Parlamento de Kiev e identificado mentor do massacre de Odessa em 2014»

Tudo no filme atinge o espectador – a interminável viagem de comboio, os fantasmas que nele viajam, a incarnação da vida e da morte proporcionada pela figura lancinante de Isabel Ruth, as cores sem cor, as paisagens esbatidas e sem tempo olhadas por olhos que já não vêem, acompanhadas por palavras assombradas de quem sobreviveu depois de sentir-se morto – mas o grito mais alarmante que brota da tela é a actualidade do que é exposto aos nossos sentidos.

Ironicamente isso acontece através da evocação do campo de extermínio que os carrascos nazis se esforçaram por apagar até ao derradeiro vestígio, para nos convenceram de que nunca existiu. Dando-se ao trabalho de desenterrar centenas de milhares de cadáveres gaseados para os incinerar em grelhas gigantescas.

Haverá quem diga: isso foram outros tempos, já lá vão mais de setenta anos e foi obra de dementes inspirados por um louco.

Por isso o maior dos méritos do admirável trabalho de Sérgio Tréfaut é dizer-nos que não, aquilo não foi um fenómeno de época, a mente do ser vivo que foi capaz de tais degenerações anda por aí e basta-nos não levarmos a nossa vida ao compasso da informação de pechisbeque para descortinarmos as suas emanações, mesmo após cuidadosa aplicação do filtro dos paralelismos abusivos.

O documentário Treblinka é actual porque a realidade do início dos anos quarenta do século passado chega até hoje pela voz de quem sobreviveu à hecatombe. É uma actualidade factual, indesmentível, se bem que haja quem continue ocupado em garantir, até «cientificamente», que aquilo não aconteceu, foram exageros e vinganças dos vencedores.

Percebe-se, por isso, que as mentes perversas capazes de aceitar o extermínio em massa de milhões de seres humanos continuam activas, de modo algum satisfeitas com as tarefas de «limpeza» e «purificação» então executadas.

Os fenómenos expostos deste modo directo, porém, são mais identificáveis, portanto mais controláveis.

Eles são parte do perigo, ainda que não sejam a componente mais letal, sabendo-se que vivemos numa fase de perfídia, insídias e enganos. Os germes da verdadeira ameaça, temível e sempre latente, flutuam nas imagens e palavras de Treblinka e são um convite para que nos internemos mais nessa actualidade.

Aquela interminável viagem de um comboio da morte é uma metáfora da relação do ser humano com o poder, de como a fragilização dos mecanismos democráticos para controlo das actividades de governação e comando vai escancarando a porta dos desmandos.

Os nossos tempos são de democracias dia-a-dia mais frágeis, a que correspondem evidências de poderes cada vez mais absolutos e arbitrários. Ao compasso desta involução humanista vão florescendo manifestações de insensibilidade, de discricionariedade, de arrogância, enfim, de despotismo – e cada vez menos envernizado.

Há crueldade quando um presidente envia drones do seu gabinete para executar um «terrorista» a cinco mil quilómetros de distância, sabendo que a «operação» pode matar a família e dezenas de outras pessoas em redor, vítimas que passam de pessoas inocentes a «danos colaterais» num simples passe de estatística.

Há despotismo quando se arrasa um país, incluindo escolas e hospitais com meninas e meninos dentro, entregando-o depois a milícias selváticas, para se esquartejar um alegado ditador com o qual se mantiveram negócios e que, de um momento para o outro, é recomendável silenciar.

Há uma degeneração dramática da condição humana quando se tratam como párias, escravos, seres infra-humanos ou simples escória os milhões de vítimas humanas que pedem desesperadamente para sobreviver junto daqueles que são verdadeiramente responsáveis pelo seu martírio.

Há uma insensibilidade comprometedora quando se deixa a casta dos donos do dinheiro à solta para disporem da vida da maioria dos cidadãos, aos quais, paulatinamente, se vão retirando os direitos para se defenderem.

Existe uma arrogância despótica quando se encontra unicamente na imposição da austeridade aos mais desprotegidos a pretensa solução para as chamadas crises da sociedade, as quais, na maioria dos casos, não têm outras raízes que não sejam os obstáculos à acumulação interminável de lucros por elites desumanizadas.

E que interpretação se poderá dar ao comportamento de dirigentes e de um Estado capazes de sujeitar aos requintes de uma violência, que se dirá de uma crueldade cientificamente apurada, mais de um milhão de seres humanos submetidos ao universo concentracionário de Gaza, ou centenas de milhares de pessoas confrontadas com a impenetrabilidade de um muro que divide famílias, comunidades, recursos?

Assim se demonstrando que a actualidade de Treblinka nos deixa perante a evidência de que o Estado de Israel e os seus protectores universais não têm autoridade moral nem legitimidade humanista para invocarem e se apropriarem do Holocausto de judeus e não-judeus.

Neste magma de comportamentos enunciados não é difícil encontrar as sementes que, num caldo de cultura adequado – longe de esquecido – germinem em comportamentos susceptíveis de descambar em situações que Treblinka avisadamente recorda.

«Há que registar obrigatoriamente, para memória presente e futura, que os herdeiros dos esbirros de Treblinka estão vivos, actuantes, e nas mesmas regiões.»

Não fiquemos, porém, pelas metáforas; as quais, mesmo sendo-o, vão aflorando em comportamentos assumidos ou insidiosos mais do que suficientes para nos deixar alerta.

Há que registar obrigatoriamente, para memória presente e futura, que os herdeiros dos esbirros de Treblinka estão vivos, actuaes, e nas mesmas regiões. Bastariam as evocações dos comportamentos de dirigentes como os que desempenham actualmente funções na Polónia pré-fascista, na Hungria, na Eslováquia, na Croácia, nos Estados do Báltico que o neoliberalismo «libertou» ressuscitando forças que, não apenas saudosas de Hitler, tentam fazê-lo reviver. Mas tal não esgota a realidade.

Existe o *case study* da Ucrânia: nunca será excessivo recordá-lo porque continua a ser escandalosa e significativamente mistificado.

Muitos dos guardas que colaboraram com a guarnição alemã do campo de extermínio de Treblinka eram milicianos ucranianos inseridos na SS hitlerianas, como voluntários ou como membros do exército «livre» da Ucrânia. Entre eles, membros do Batalhão Galícia, que ficou para a História negra da guerra associado ao nome do seu líder e mentor, Stepan Bandera.

Pois bem, Bandera é herói nacional oficial da «nova» Ucrânia, «democratizada» com o envolvimento da União Europeia e os préstimos insubstituíveis da NATO. Ainda hoje, em tempo real, hordas nazis da nova Guarda Nacional ucraniana, corpo treinado por militares das forças armadas dos Estados Unidos, estão a participar nos exercícios da NATO no Mar Negro e que simulam «apropriação de território», quiçá uma formulação julgada menos comprometedoras do que a tese hitleriana de «espaço vital».

Andriy Parubiy, comandante das milícias de assalto nazis envolvidas na chamada «revolução democrática» da Praça Maidan, um seguidor actual de Stepan Bandera que foi presidente do Conselho Nacional de Defesa e Segurança e hoje é presidente do Parlamento, depois de ter contribuído para a ilegalização de partidos como o Comunista, age como um interlocutor privilegiado nos areópagos que proclamam a democracia e os direitos humanos.

São habituais os seus *briefings* com os comandantes da NATO, tendo em conta os seus laços operacionais com os batalhões neonazis, que são determinantes nas actuais forças armadas ucranianas; numa visita recente a Itália, Parubiy escutou a presidente do Parlamento, Laura Boldrini, do Partido Democrático, dizer que deseja o reforço da cooperação parlamentar com a Ucrânia, «tanto no plano político como administrativo».

A actualidade de Treblinka é gritante. Ao fim e ao cabo, um «democrata» como Andriy Parubiy, chefe das SS ucranianas de hoje, um favorito da NATO e da União Europeia, presidente do Parlamento de Kiev e identificado mentor do massacre de Odessa em 2014, poderia ter sido um dos esbirros que mandava abrir as torneiras de monóxido de carbono sobre milhares e milhares e milhares de homens, mulheres e crianças cuja única culpa era existirem.

Bastava-lhe estar na força da vida em 1942 – em vez de em 2016.

José Goulão. Jornalista

<https://www.abrilabril.pt/actualidade-de-treblinka> (13/07/17)

Chil Rajchman: A herança de Treblinka

Cortou o cabelo às mulheres antes de entrarem nas câmaras de gás, arrancou dentes de ouro aos cadáveres, carregou corpos em decomposição. Mas sobreviveu para dar testemunho, em "Sou o Último Judeu", desse grande matadouro que foi Treblinka

"Os vagões tristes transportaram-me para este lugar. Vêm de toda a parte: de leste e de oeste, do norte e do sul. De dia como de noite, em todas as estações: Primavera, Verão, Outono, Inverno. Os comboios chegam sem percalços, incessantemente, e Treblinka prospera a cada dia que passa. Quantos mais chegam, mais Treblinka consegue absorver."

Assim começa o relato deixado pelo judeu polaco Chil Rajchman, nascido em 1914, um de entre as poucas dezenas que conseguiram sobreviver ao inferno do campo de extermínio nazi de Treblinka, a menos de cem quilómetros a norte de Varsóvia. "Sou o Último Judeu", agora publicado pela Teorema, foi o título dado aos apontamentos de Rajchman, que narram os dez meses passados no campo e foram publicados apenas depois da sua morte, em Montevidéu, no Uruguai, país para onde emigrou e onde fez o resto da sua vida até 2004.

Rajchman chegou a Treblinka em Outubro de 1942 (o campo entrara em funcionamento em Junho desse ano) com uma das suas irmãs, da qual se separa para sempre assim que saem do vagão que os transportara. Homens e mulheres são apartados e despídos de todas as roupas. Formam em fila, e os alemães escolhem cerca de uma centena de homens novos - Rajchman está entre os seleccionados. As mulheres são levadas. A partir desse momento começa a correria para aquela centena que foi escolhida: separar dos montes as bagagens, as roupas, os lençóis, as malas, os sapatos, os vestidos das mulheres. Os mais lentos são chicoteados pelos guardas ucranianos que serviam os alemães das SS.

"Treblinka foi concebido de um modo profissional": não era um campo de concentração mas um campo de extermínio. Os que chegavam morriam em poucas horas, depois de encaminhados para as câmaras de gás através do "Schlauch" [corredor]. "Com arbustos plantados, parece uma rua de um jardim público" - uma rua em ângulo recto para que não se vissem logo as câmaras, um edifício branco marcado com a estrela de David. Quando pisam essa rua de areia branca, as pessoas devem correr, são chicoteadas e matraqueadas. Nesse caminho da morte, homens e mulheres voltam a encontrar-se, nus. Os SS, postados à porta, empurram as pessoas para dentro, ao mesmo tempo que gritam, "Schneller, schneller" [mais depressa, mais depressa].

Até à chegada do próximo comboio, Chil Rajchman passou o tempo a escolher roupas; sempre que endireitava as costas era chicoteado. Entretanto, um SS pergunta se há entre eles um cabeleireiro. Ele diz que sim, apesar de nunca o ter sido. Mais tarde é colocado no corredor que leva às câmaras de gás; a sua tarefa: em cinco tesouradas deve conseguir cortar os cabelos da cabeça de uma mulher, que se sentará à sua frente, e enfiá-los dentro de uma mala, que tem ao lado, sem que nenhum cabelo toque o chão. Depois de as portas das câmaras estarem fechadas, os cabeleireiros são obrigados a cantar.

O matadouro Treblinka estava dividido em duas áreas, uma antes das câmaras, e outra para lá delas. Os trabalhadores das duas áreas não comunicavam entre si para que não soubessem o que se passava no denominado "campo nº2", que Rajchman (que para lá foi transferido) descreve como "bem pior do que as câmaras de gás".

O primeiro trabalho de Chil é carregar areia de um monte para outro, ao mesmo tempo que os compridos chicotes dos guardas ucranianos giram por cima das cabeças e das costas

de todos. Há fossas abertas. Numa delas, dois judeus alinham corpos. Próxima tarefa: retirar das câmaras de gás os corpos e transportá-los numa padiola. Tudo é feito a correr. Pelo caminho há que parar no "dentista", o prisioneiro encarregue de com um alicate extrair aos mortos os dentes de ouro, as pontes e coroas de prata e platina. Rajchman também irá desempenhar essa função.

Mais tarde, já com várias valas de dez metros de profundidade cheias de cadáveres (Rajchman chega a estimar cerca de dez mil mortos por dia), chega um SS para aperfeiçoar a cremação de centenas de milhares de corpos em putrefacção e inventar, a partir de carris ferroviários, o engenhoso sistema do "grelhador". Chil ocupará igualmente a tarefa de carregar para a fogueira os membros e corpos desenterrados, em adiantada decomposição, ao mesmo tempo que três escavadoras gigantescas trabalham 12 horas por dia.

A revolta e conseqüente fuga dos prisioneiros dá-se a 2 de Agosto de 1943, com a morte de muitos. Chil Rajchman consegue esconder-se e chegar meses depois a Varsóvia, onde permanecerá até ao final da guerra e onde escreverá o caderno "para dar testemunho do matadouro". O campo de Treblinka foi encerrado e desmantelado meses depois da fuga.

<https://www.publico.pt/2009/12/17/culturaipsilon/noticia/chil-rajchman-a-heranca-de-treblinka-247487> (17/12/09)



Os Sapatos de Treblinka

Eu vi uma montanha.

Mais alta que o Monte Branco.

E mais sagrada que o Sinai.

Era uma montanha de sapatos de judeus em Treblinka.

De repente, a montanha de sapatos se levantou.

Aos pares, em fileiras,

Sapatos grandes e pequenos, de Varsóvia e de Paris,

De Amsterdão e de Praga,

Sapatos de rabinos, comerciantes e trabalhadores,

Todo tipo de sapato.

E os sapatinhos de tricô de uma criancinha.

Como seus pais, ela foi morta.

Nós fomos trazidos a Treblinka marchando.

E agora saímos marchando para longe da matança.

Que havia dia e noite.

Que o mundo nos ouça percorrer essa estrada.

Que o mundo ouça nossa história de sangue.

Nós não os deixaremos descansar novamente.

(Moshe Schulstein, sobrevivente do campo de extermínio)